

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

**Entrevistados: Geralda Martins Pereira, Carlota Xavier Martins e Agostinho
Alves Macedo**

**Comunidade Bem Posta, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas
Gerais**

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Uma banda com mais de 90 anos – Entrevista de Geralda Martins Pereira, Carlota Xavier Martins e Agostinho Alves Macedo. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Uma banda com mais de 90 anos

A Banda de Taquara, na comunidade de Bem Posta, no município de Minas Novas, é patrimônio da região. Costuma estar presente nas festividades da sua comunidade e nas cidades vizinhas. Foi originada de outra comunidade, mas ganhou fama em Bem Posta e nem seus componentes sabem dizer a idade aproximada do conjunto. Em 1992, seu Agostinho, um dos depoentes, conseguiu registrar a banda em cartório. É ele quem conta um pedaço da história e mantém o grupo unido. Também são dona Geralda e dona Carlota, outras duas protagonistas da história da instituição, que dão seu relato de lembranças vividas. Memórias de um tempo saudoso que a comunidade se esforça para não ser esquecido.

Dona Geralda, é a senhora que conhece a história da banda de Taquara desde o começo?

Dona Geralda – Mais ou menos. Desde que eu sou nascida, e que meu pai veio para cá, é que sei dela. Essa banda foi nativa de um povo lá da comunidade de Macacos. Eles saíam de lá e vinham para festas aqui, brincar aqui, porque teve gente da minha família que casou com gente de lá. Foi aí que nós fomos pegando essa brincadeira deles e foi aumentando aos poucos. Depois, quem assumiu a banda foi o pessoal do João Procópio e os filhos dele, o Marcolino, Dé, Santo, Lourenço, ele tinha cinco filhos que tomaram conta da brincadeira. Depois, ainda meu pai foi juntando os meninos menores e aumentando a brincadeira.

Mas quando João Dominginhos viu o pessoal de Macacos mexer com o assobio, tocar o assobio (flauta), ele foi num local e tirou uma taquara e fez um assobio de taquara. Ele acompanhava o povo, depois já fizeram outro assobio, e o povo de cá foi tomando conta. O pessoal de João Procópio uns morreram, outros esparramaram, e ficou meu pai sozinho com os meninos, o João de Maria, o João Dominginhos, Geraldo e Vicente.

Mas de lá para cá foi acabando, acabando. O povo de João Procópio acabou tudo, meu pai também morreu e outros também morreram. Também tinha a velha Cristina, que, no

começo não, mas de uma época em diante ela deu para brincar junto com a gente. Depois a Cristina faleceu, minha irmã faleceu, mas ainda ficou Oraci, brincando no meio da gente. Das mais velhas, só estou eu sozinha.

Mas a banda continua?

Dona Geralda – Continua. Ainda ontem estava falando com o Joaquim para colocar os meninos para não acabar. Mas eu falo para vocês que ficou tão difícil, porque só vai saindo gente.

E a senhora, dona Carlota, também fez parte da banda?

Dona Carlota – Eu ia mais vezes, gostava demais. Era só falar para mim sobre Folia do Divino ou Folia de Santo Reis eu ajudava os outros a cantar. Ia muito nas marujadas também, inclusive quando eles iam para a cidade também. Mas a gente vai ficando velha e doente, e depois meu povo acabou tudo. Não tenho mais ninguém vivo na família, sou só eu e Deus, e meus irmãos da igreja.

E qual a lembrança a senhora tem da Folia de Reis?

Dona Carlota – De bondade, eu gostava demais de Folia de Reis, para ajudar o povo cantar. Tinha uma voz boa e saúde. Essa igreja mesmo (local da entrevista), antes de eu passar a ser crente, ajudava direto nessa igreja. Nós saímos com novena, íamos nas grotas com novena de Nossa Senhora da Saúde, do Divino Espírito Santo. Nós não ficávamos sós. Aqui dentro, de Bem Posta, não. Nós andávamos muito por esse mundo. Na hora de recolher, a gente colocava uma mesada para aquele santo. Tinha vezes que a gente andava 15, 20 dias debaixo de chuva, dava pouso nas casas.

E quais eram as cantorias?

Dona Carlota – Eram os cantos mesmo de Santo Reis, do Divino, de Nossa Senhora da Saúde.

A senhora lembra de algum?

Dona Geralda – Eu lembro de Santo Reis. “Meu Santo Reis é um santo milagroso / é um santo milagroso / livra nós de peste e guerra, todos maus contrarioso / todos maus contrarioso”.

E o senhor, faz parte da banda desde quando?

Seu Agostinho – Antes do registro eu já participava dela. Porque eu registrei em cartório em 1992. Mas antes eu já brincava, ia em brincadeira em Minas Novas. Toda vida brinquei com pandeiro. Mas antes de entrar na Banda de Taquara eu fui à casa do pai dela (dona Geralda) perguntar para ele se sabia me explicar a história da Banda de Taquara. Mas ele disse que não sabia me explicar quantos anos a banda tinha. Porque quando ela veio para Bem Posta, já existia antes. Para registrar a banda, para tentar algum recurso, precisava saber mais sobre ela. Mas mesmo assim consegui registrar a banda em cartório, em 1992.

Dona Geralda – Nós éramos 25 pessoas, tudo grande e igual, sem menino pequeno no meio. A gente andou muito que nem sei contar em quantos lugares já fomos, Salinas, Juiz de Fora, Viçosa, Pato de Minas, acho que se for contar dá mais de 20 lugares. Eu lembro bem de uma vez que nós saímos de Minas Novas cinco horas da tarde, viajamos a noite inteirinha, lembro disso que nem hoje, e Zé Ricardo também estava nessa época, e fomos rezando um terço, e fomos até subir a Chapada rezando esse terço. Viajamos a noite toda e quando amanheceu, estava naquele deserto, mas deram para gente, para cada um, uma coca e um pão, e assim foi até o almoço. Quando foi meio-dia, nós paramos, almoçamos e tornamos a seguir. E viajamos outra vez até cinco horas da tarde, para chegar lá longe, onde a gente tinha que chegar.

O que a banda costuma tocar, O Nove, Vilão, o que costumam tocar?

Seu Agostinho – Tudo que vem eles tocam, eles são bons, não são de brincadeira não.

Qual a formação da banda, quais instrumentos tem?

Seu Agostinho – A banda tem caixa, pandeiro, reco-reco, o assobio (flauta).

Tem as vozes, vocês já citaram o Vilão também.

Dona Carlota – O Vilão é bom demais.

E do Vilão, quais as músicas que vocês tocam?

Dona Carlota – Tem o Vilão Corrido, que passe debaixo assim. A gente cantava. “Aprendi dançar vilão, aprendi dançar vilão / Não foi nessa terra não, não foi nessa terra não / Aprendi com alemoa, aprendi com alemoa / na terra dos alemão, na terra dos alemão”. Isso tocando viola e nós cortando, era bom demais.

Dona Geralda – Agora o Vilão Santinho é travado, é só de quatro. “Vilão santinho, vilão santinho / Vem tomar conta do meu Jardim / Eu também vivo caçando, quem toma conta de mim”. Largava de um e pega outro, na dança.

Dona Carlota - Quando tinha vontade de namorar um rapaz, através do Vilão, jogava verso para puxar conversa. Agora acabou tudo. Às vezes quando deito na minha cama, lá em casa, fico lembrando de tudo.

Mas a banda se apresentava em quais situações aqui, em festas?

Seu Domingos – Sempre em festas. Festa de Santo Antônio.

Dona Geralda – Em toda festa que tinha. Aqui nunca faltou uma festa que eles não brincassem.

E hoje, em que oportunidades?

Dona Geralda – Hoje brinca do mesmo jeito, mas está mais fraco.

Dona Carlota – Todo o ano a banda costuma ir para a festa de São João, em Minas Novas.